

## Cultura e diversidade: Um olhar sobre a ABEH

Wilton Garcia<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto, em formato ensaio, aborda alguns fatos que descrevem parte da história da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH. Isso solicita um percurso estratégico de possibilidades enunciativas para tangenciar as comunidades Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexs, Assexuados, Pansexuados e afins – LGBTTQIAP+, sobretudo no Brasil. E, portanto, surge uma questão: como utilizar estratégias discursivas enquanto recursos da produção de subjetividade para assegurar, de fato, os direitos humanos no país atualmente? O objetivo é acentuar um conjunto reflexivo a respeito de cultura e diversidade a partir da ABEH, ao evidenciar perspectivas contemporâneas de alteridade e diferença. Baseados nos estudos contemporâneos, interessa desenvolver um ensaio crítico, tendo como enfoque as categorias experiência e flexibilidade. Nesse caso, vestígios acadêmicos e intelectuais confrontam o sistema hegemônico, ao se prevalecer como produção de conhecimento da diversidade cultural/sexual, étnico-racial e de gênero na universidade brasileira.

**Palavras-chave:** Abeh. Cultura. Diversidade. Contemporâneo.

---

<sup>1</sup> Artista visual, Doutor em Comunicação pela USP e Pós-Doutor em Multimeios pela Unicamp, é professor da Fatec Itaquaquecetuba e autor do livro *Imagem e homoerotismo no Brasil* (Factash/Fapesp, 2004), entre outros E-mail: 88wgarcia@gmail.com

*Para  
José Carlos Barcellos e  
Antonio Eduardo de Oliveira  
(in memoriam)*

*[...]  
procuro tecer a gênese de uma política de corpos queers  
– que passa pela diversidade de gêneros,  
a qual tem como princípio descrever  
A condição corpórea  
dos sujeitos ditos marginais.  
Santos (2014, p. 84)*

Neste texto, o reconhecimento aos que já se foram deve ser ressaltado. A dedicatória registra sincera homenagem e agradecimento aos dois nomes – José Carlos Barcellos e Antonio Eduardo de Oliveira (in memoriam) – pelo vigor de suas feitura acadêmicas e científicas. A distinção desses nomes está na legitimação e na valorização do que serve de base sensível e, ao mesmo tempo, inteligível para avançar, sobretudo no âmbito da pesquisa na esfera da diversidade e dos Direitos Humanos no Brasil. Portanto, citar ambos implica respeitar o desempenho crítico e reflexivo como contribuição para a fundação da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH.

Assim, também há um fluxo de afetos expressivos. Dos enlaces afetivos, uma confraria intelectual ocorreu nos eventos iniciais da ABEH no Instituto de Letras na Universidade Federal Fluminense, a partir de 1999 (GARCIA, 2017). São passagens de sabores e saberes, porque renderam (des)frutos sobre literatura, cultura, arte no âmbito da diversidade cultural/sexual, étnico-racial e de gênero. Lembranças escorrem da memória entre (des)encontros e disputas paradoxais, as quais (des)encaixam dissidências contra o sistema hegemônico. No calor dos debates, diferentes posições

investigativas trouxeram novidades ao campo da pesquisa brasileira, em especial nas humanidades.

E se os estudos da literatura serviram de eixo contundente para tangenciar possibilidades enunciativas da diversidade, no país e no mundo, é porque as estratégias discursivas potencializam suas argumentações dinâmicas mediante a representação na linguagem. Ou seja, o uso da linguagem torna-se valor intenso para se agenciar/negociar uma posição de mundo, em particular quando se eleva a qualidade da condição adaptativa que requer lutar pelos Direitos Humanos.

A epígrafe de Rick Santos (2014) convoca a presença de um corpo diferente que questiona o senso comum, pois solicita uma leitura alternativa a descortinar a diversidade em circunstância multidimensional. Tal leitura compreende as relações humanas a partir da alteridade e da diferença e, por isso, o autor escreve acerca de uma poética da diferença quando opera tramas para acusar um olhar queer. Este último esbarra na flexibilidade necessária da contemporaneidade, a qual se renova de forma recorrente. Dito de outro modo, o sujeito da/na diversidade coabita alteridade e diferença, a (re)equacionar sua condição humana no mundo.

Ao percorrer a noção de o olhar queer (SANTOS, 2014) acerca de experiência e subjetividade como categorias discursivas, um percurso estratégico de possibilidades enunciativas (re)desenha, criticamente, a potência de diálogos a respeito dos Direitos Humanos. Ambas categorias (experiência e subjetividade) encontram-se elencadas ao longo deste ensaio, a enunciar o campo teórico dos estudos contemporâneos (estudos queer, estudos de gênero, estudos culturais) na composição estratégica entre atualização e inovação.

Desse modo, o formato ensaio como proposta metodológica (CANCLINI, 2016) enquadra diretrizes e parâmetros de uma reflexão que se ampara nas vertentes do relato. Ou seja, pensar o ensaio como coordenada discursiva, entre experiência e subjetividade, seria (re)considerar fatores recorrentes da linguagem que compreendem fenômenos

estratificados por eventos/acontecimentos. São as coisas da vida, suas confluências. Por assim dizer, a noção de ensaio estrategicamente desdobra-se em um tecido e gera exercícios descritivos abertos ao diálogo, cujo valor está no objeto/contexto investigado. Como poética crítico-reflexiva, um estado intermediário da escrita no ensaio entra em consonância com a leitura (e vice-versa). Portanto, o pensar, a escrita e a leitura atualizam as ideias e suas expressões no propósito de examinar as recorrências do campo pesquisado. O ensaio, dessa maneira, inclui elementos teóricos e políticos, indicados ao longo do texto, a fim de assimilar fragmentos de nossa sociedade.

Ou seja, a produção acadêmica – em consonância com os movimentos sociais – permeia determinadas articulações teóricas e seus aspectos econômicos, identitários, socioculturais e políticas como produção de conhecimento, o qual envolve as comunidades Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexs, Assexuados, Pansexuais e afins (LGBTQTQIAP+), no Brasil e no mundo. Dessa forma, vestígios acadêmicos e intelectuais confrontam o sistema hegemônico, ao se prevalecer como produção de conhecimento da diversidade cultural/sexual, étnico-racial e de gênero na universidade brasileira. E, portanto, surge uma questão: como (re)utilizar estratégias discursivas enquanto recursos da produção de subjetividade para assegurar, de fato, os direitos humanos no país atualmente?

### **Da Associação**

A história da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH) surgiu no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Após três anos (1999, 2000, 2001) de eventos científicos sobre Literatura, cultura e homoerotismo, sua forja amplia os horizontes de tantas emergências intelectuais. A ABEH nasce da necessidade de fomentar a pesquisa enquanto ação coletiva e ir além dos domínios da universidade brasileira. Portanto, em

13 de junho de 2001, aconteceu a primeira assembleia para inaugurar os trabalhos institucionais. Trata-se de uma associação científica, sem fins lucrativos, que congrega professores/as, alunos/as de graduação e pós-graduação, profissionais e pesquisadores/as.

Enquanto Instituição, a vontade dos/as fundadores/as, como representantes de diferentes universidades (nacionais e estrangeiras), sempre foi multiplicar olhares e vozes de pesquisadores/as que estudam a diversidade cultural/sexual, étnico-racial e de gênero, na área das ciências humanas e afins. Atenta aos desafios para o desenvolvimento de investigações científicas, no Brasil e no mundo, consta nos Estatutos da ABEH a inquietação de estudar a homocultura como campo de pesquisa e conhecimento científico no mundo acadêmico. Isso provoca paradoxalmente denotações/conotações estratégicas contra qualquer discurso canônico, o qual se reduz nas restritas fronteiras do sistema hegemônico. Tal inquietação conceitual (res)semantiza a noção de diversidade, ao propiciar possibilidades enunciativas epistemológicas, axiológicas e/ou ontológicas.

Se, de um lado, a ideia de homocultura inicia-se no campo da literatura em diálogo com os estudos do cinema e da comunicação, de outro, houve a necessidade de ampliar esse debate de modo inter/multi/transdisciplinar, em razão à complexidade das abordagens. Então, posteriormente, consta a presença inter/multi/transdisciplinar de outros campos de saberes: antropologia, educação, sociologia, psicologia. O fluxo de diversas áreas do conhecimento trouxe diferentes olhares. Essa soma de áreas comporta uma rede de agenciamento/negociação, ao alimentar variáveis científico-políticas e circundar diferentes noções de sujeito e seu modo/estilo de vida contemporânea.

Sendo que, os Estatutos da ABEH apresentam seis objetivos:

I – contribuir para o desenvolvimento dos estudos científicos comprometidos com políticas educacionais e sociais em favor da inclusão das minorias sexuais no Brasil;

- II – promover a elaboração e difusão de formas de pensamento crítico que contemplem a diversidade cultural e sexual;
- III – criar fórum permanente de discussão e intercâmbio, nacionais e internacionais, de experiências sobre visibilidade das diferentes expressões de alteridade e discursos homoculturais no Brasil e no mundo;
- IV – incentivar pesquisa em diferentes áreas do conhecimento, estimulando múltiplas abordagens da homocultura;
- V – apoiar e participar de iniciativas institucionais pertinentes à sua área de atuação;
- VI – promover o intercâmbio de ideias por meio de reuniões periódicas e publicações.

Para cada objetivo elencado, houve enorme discussão entre os/as participantes envolvidos/as na elaboração dos Estatutos. Cada presente recebeu previamente a documentação – em formato minuta (ou seja, um esboço) – na expectativa de agilizar o processo de aprovação. No entanto, foi um encontro intenso para lapidar quaisquer implicações jurídicas e legais que representassem a comunidade acadêmica.

Nesse caso, o primeiro objetivo gerou diretrizes para constituir valor às demandas educacionais, em que se planeja estudar a diversidade, enfatizando a disseminação da ABEH no espaço educacional. Já o segundo objetivo recorre ao pensamento crítico acerca da diversidade cultural/ sexual e de gênero iluminado pela produção de conhecimento.

O terceiro objetivo preocupa-se com a colaboração entre pares para fortalecer as relações profissionais que apoiam e superam dificuldades locais com arranjos externos, a constituir visibilidade internacional. Um/a ajuda o/a outro/a. O quarto objetivo destaca a pluralidade de posicionamentos como estratégia de produção cultural e tecnológica, ao estimular o diálogo entre áreas do conhecimento.

Já o quinto objetivo solicita a atenção às iniciativas acadêmicas e/ou intelectuais que fortalecem a própria área de atuação de cada participantes para gerar e oferecer benefício com esse tipo de pesquisa. O que alarga as fronteiras do pensamento e da ação. Por último, mas não menos importante, seria observar as demandas entre eventos a respeito da diversidade para congregar as novidades no âmbito da pesquisa.

## Dos Congressos

Em um breve registro acerca da ABEH, sua relevância no cenário da pesquisa brasileira e internacional comemora um percurso de mais de vinte anos. Para pensar sobre diversidade cultural/sexual, étnico-racial e de gênero no país, o quadro abaixo expõe informações dos Congressos bianuais desenvolvidos em renomadas universidades públicas do país. Eis um panorama eclético:

Ano	Edição	Tema	Sede	Presidente/a [Prof./a Dr./a]
2002	I.	Homocultura e cidadania	UFES	Deneval Siqueira Filho
2004	II.	Imagem & diversidade sexual	UnB	Denilson Lopes
2006	III.	Discursos da diversidade sexual: lugares, saberes, linguagens	UFMG	Bruno Leal
2008	IV.	Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos	USP	Horácio Costa
2010	V.	Desejos, controles e identidades	URFRN	Antonio Eduardo de Oliveira
2012	VI.	Memórias, rumos e perspectivas	UFBA	Leandro Colling
2014	VII.	Práticas, pedagogias e políticas públicas	UFRG	Fernando Seffner
2016	VIII.	ABEH e a construção de um campo de pesquisa e conhecimento: desafios e potencialidades de nos (re)inventarmos	UFJF	Anderson Ferrari
2018	IX.	Diversidade sexual, gênero e raça: diálogos Brasil-África	UFC	Luma Nogueira de Andrade
2020	X.	Políticas da vida: coproduções de saberes e resistências	UFMT	Bruna Andrade Irineu
2022	XI.	Ciência e Arte do Encontro: o Rio de Braços Abertos	IFRJ	Jaqueline Gomes de Jesus

Esse complexo panorama temático, nos eventos da ABEH, mostra variedades e entornos da diversidade. E reflete a necessidade de atualizar o debate na universidade brasileira para afrouxar as áreas limítrofes do pensamento humano. O destaque deste ensaio, porém, está no embrião que manteve firme a vontade de realização efetiva da ABEH. Sem dúvida, é preciso distinguir os esforços incansáveis do professor doutor

Deneval Siqueira Filho, com o Grupo de Estudos Interdisciplinares da Transgressão (GEITES/UFES), para realizar a criação dos Estatutos da ABEH, no I Congresso.

### **Das publicações**

O conjunto de atividades (científicas e culturais) promovidas a partir da ABEH pode ser estendida pela lógica de publicação como documentação das evidências desta Instituição. A tarefa de elencar sua história esbarra em situações peculiares, que não se esgotam neste ensaio. Por isso, segue uma listagem a ser complementada.

No campo da literatura e da filosofia, o professor José Carlos Barcellos (2000) serve como referência primeira deste conjunto de trabalhos conceituais da nossa Associação. Seu texto seminal “Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas” foi lançado no Caderno Seminal, da Dialogarts, UERJ em 2000. No mesmo ano, publiquei o livro *A forma estranha: cultura e homoerotismo* (GARCIA, 2000), enfatizando os desafios dos estudos queers no Brasil. No ano seguinte, Antonio Moreno (2001) publicou seu livro *A personagem homossexual no cinema brasileiro* (Funarte e EdUFF), como resultado do mestrado, orientado pelo professor doutor João Luiz Vieira.

Desde sua criação, o livro *A escrita de Adé: estudos gays e lésbic@s no Brasil* (SANTOS; GARCIA, 2002) tornou-se uma referência bibliográfica, quase obrigatória, quando se elege os estudos da homocultura no Brasil e no mundo. É uma coletânea de textos das palestras apresentadas nos simpósios ocorridos no período de 1999, 2000 e 2001, na Universidade Federal Fluminense – UFF.

Na sequência, o professor doutor José Foureaux (2002) organizou o livro *Literatura e homoerotismo: uma introdução* como resultado de um evento realizado na Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Este evento reflete a extensão das atividades acadêmicas e culturais desenvolvidas a partir dos nossos primeiros Encontros



na UFF. Disso, o professor doutor Denilson Lopes e demais colegas organizaram o livro *Imagem & diversidade sexual: estudos da homocultura* (LOPES et al, 2004), o qual documenta o II Congresso na Universidade de Brasília – UnB. Neste mesmo ano, apoiado pela Fapesp, publiquei o livro *Homoerotismo & imagem no Brasil* (GARCIA, 2004), como síntese da defesa do doutorado na Universidade de São Paulo – USP.

Já, em 2006, o professor doutor Bruno Leal da UFMG e demais colegas publicaram os *Anais do III Congresso* em forma de CD-ROM. Sendo que, em 2008, os professores doutores Rick Santos e Deneval Siqueira Filho organizaram a coletânea *Estudos gays e lésbic@s: uma visão de teóricos brasileiros* (FILHO; SANTOS, 2008), ao alargar as proposições científicas e culturais das pesquisas colaborativas. Em 2010, o professor doutor Horácio Costa e outros colegas organizaram o livro *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos* (COSTA et al, 2010), como resultado do IV Congresso na USP. Além do livro, somam-se mais de 900 páginas em formato CD-ROM, editados na Edusp e na Imprensa Oficial.

No próximo ano, o professor doutor Leandro Colling (2010) organizou a obra *Stonewall 40+ o que no Brasil?* publicado pela EdUFBA. A referida publicação resulta de um evento intermediário, pontual, proposto para divulgar o Congresso da ABEH, em Salvador. Um ano depois, o professor doutor Mario César Lugarinho (2012) compilou a coletânea *Do inefável ao afável: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer* pela Universidade Estadual do Amazonas. São dez autores/as convidados/as para refletir acerca da diversidade cultural/sexual, étnico-racial e de gênero.

Depois, Rick Santos (2014) publicou *Poética da diferença: um olhar queer pela Hagrado* edições em São Paulo. São dez textos de sua autoria, escritos ao longo das pesquisas realizadas a respeito da diversidade, no Brasil e nos Estados Unidos. Mais à frente, Anderson Ferrari e Roney Polato de Castro organizaram uma coletânea, em formato livro, intitulado *Diversidades sexuais e de gênero: desafios e potencialidades de*

um campo de pesquisa e conhecimento (FERRARI; CASTRO, 2017). Esta obra traz alguns trabalhos do VIII Congresso.

E, por fim, editei uma coletânea intitulada Pra quem gosta, um beijo: diversidade contemporânea no audiovisual brasileiro (GARCIA, 2020). Estrategicamente, trabalhei diferentes dispositivos hipermediáticos: filmes, documentários, videoclipe e protagonismo feminino. A ideia foi levantar algumas características verificadas na produção audiovisual brasileira para que a visibilidade das personagens seja realçada de modo afirmativo.

### **Da pesquisa**

No website de currículo Lattes do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), é possível consultar o número de pesquisadores/as que declaram atividades científicas com o tema da homocultura no Brasil. Atualmente, são 133 doutores/as e 110 demais pesquisadores/as. O que totalizam 243 pesquisadores/as. Acredito que esses dados expõem uma quantificação parcial de pesquisadores/as que se declaram interessados/as nas discussões científicas e/ou políticas permeando nuances da diversidade cultural/sexual, étnico-racial e de gênero no Brasil e no mundo.

Nos registros históricos da ABEH, como desenvolvimento formativo da pesquisa brasileira, vale destacar o trabalho editorial do professor doutor Alípio Sousa Filho na Revista Bagoas <<http://www.cchla.ufrn.br/bagoas>>, criada em 2007, como publicação científica, com edição semestral, realizada no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Entretanto, o trabalho intelectual e ativista-militante João Silvério Trevisan sempre foi salientado nos eventos da ABEH. Nas palavras escritas em Devassos no Paraíso, o autor afirma:

Na área acadêmica e da pesquisa, ocorrem consideráveis avanços em estudos voltados para a cultura homoerótica e dos direitos LGBT. Já se consagraram os congressos bienais promovidos pela Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH), que ocorrem em rotativa por várias cidades do país. (...). Abordando a homocultura nas mais diversas áreas de ciências e humanidades, os encontros têm tido participação majoritária de jovens pesquisadores estimulados e competentes – como pude constatar, com encantamento e perplexidade, quando participei do IV Congresso, na cidade de São Paulo, em 2008 (TREVISAN, 2018, p. 525).

Além disso,

Não se pode esquecer que as novas gerações de estudos literários invadiram a academia com abordagens quase deturpadoras que reviraram o universo da produção literária de temática homossexual. Uma infinidade quantidade de novos estudos passou a investigar obras de autores/as da velha guarda como o Adolfo Caminha de Bom-Crioulo, Lúcio Cardoso, Cassandra Rios, Gasparino Damata, Caio Fernando Abreu e mesmo a minha obra literária. Muito disso já vinha sendo acionado pela atividade e por congressos da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH) (TREVISAN, 2018, p. 553).

### **Das considerações finais**

Este ensaio problematiza a produção de conhecimento realizada ao longo dos mais de vinte anos da ABEH, na discussão a respeito da diversidade, inclusive lembrando a promoção de duas exposições de artes no CCBB-DF (2004) e no MAC-USO (2008). Especificamente na produção de conhecimento contemporânea, as articulações discursivas (entre reflexões, discussões e debates) perpassam citações consistentes e, ao mesmo tempo, controversas nas pesquisas que inscrevem as minorias sexuais.

Evidente que este ensaio aponta para uma produção de conhecimento potente. Porém, seria fundamental considerar que a subjetividade se valesse nesse contexto, porque se trata de relações humanas; ainda que no âmbito da pesquisa científica. Na esfera dessas relações, a solidariedade – como compromisso intelectual e político –

torna-se ação fecunda para garantir o desenvolvimento de projetos coletivos em prol da diversidade, cuja responsabilidade possa atingir um âmbito maior do que o esperado.

Por isso, desafios teóricos, conceituais e políticos estabelecem valores entre existência, realidade e verdade, uma vez que aqui se observam determinantes acadêmicas, científicas e/ou tecnológicas para fomentar a produção de conhecimento. Todavia, a ideia de conhecimento requer aprofundar o olhar sobre alteridade, diferença e diversidade. De contradições, controvérsias e paradoxos, um conjunto de estratégias discursivas demonstram a complexidade de descrever as colaborações e as vertentes de uma Associação científica. Como fundador desta Associação, participei ativamente de suas atividades até 2018. E eis uma oportunidade à reflexão, inclusive com os novos rumos.

A pluralidade científica e política da/na ABEH endossa diferentes percursos investigativos, os quais almejam o combate à desigualdade, à discriminação, ao preconceito e/ou à injustiça. Exclusão e/ou violência são situações inadmissíveis na sociedade contemporânea. Tais pluralidades, enviesadas por alteridade e diferença, celebram os Direitos Humanos, cujo compromisso acadêmico, intelectual e científico seria zelar pela diversidade. Afinal, congregar é se aproximar.

## Referências

- BARCELLOS, J. C. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. *Caderno Seminal*, Rio de Janeiro: Dialogarts, UERJ Ano 7 n. 8, 2000.
- COLLING, L (Org.). *Stonewall 40+ o que no Brasil?* Salvador: UFBA, 2011.
- COSTA, H. et al. *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp / Imprensa Oficial, 2010.
- FERRARI, A.; CASTRO, R. O. de (Orgs.). *Diversidades sexuais e de gênero: desafios e potencialidades de um campo de pesquisa e conhecimento*. Campinas: Pontes edições, 2017.
- JÚNIOR, J. L. F. de S. (Org.). *Literatura e homoerotismo: uma introdução*. São Paulo: Scorteccei, 2002.
- GARCIA, W. *Pra quem gosta, um beijo: diversidade contemporânea no audiovisual brasileiro*. São Paulo: Hagrado edições, 2020.
- GARCIA, W. Pensar a diversidade: perspectivas contemporâneas para a homocultura. FERRARI, A.; CASTRO, R. O. de (Orgs.). *Diversidades sexuais e de gênero: desafios e potencialidades de um campo de*

- pesquisa e conhecimento. Campinas: Pontes edições, 2017.
- GARCIA, W. *Homoeotismo & imagem no Brasil*. São Paulo: Fapesp/Nojosa edições, 2004.
- GARCIA, W. *A forma estranha: cultura e homoeotismo*. São Paulo: Pulsar, 2000.
- LEAL, B. et al. *Anais do 3. Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- LOPES, D. et al (Orgs.). *Imagem & diversidade sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Fapesp / Nojosa edições, 2004.
- LUGARINHO, M. C. (Orgs.). *Do inefável ao afável: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer*. Manaus: UEA edições, 2012.
- MORENO, A. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte / Niterói: EdUFF, 2001.
- REVISTA BAGOAS. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/edic.html>
- SANTOS, R. *Poética da diferença*. São Paulo: Hagrado, 2014.
- SANTOS, R. FILHO, D. S. de A. (Orgs.). *Estudos gays e lésbic@s: uma visão de teóricos brasileiros*. Nova York: SUNY/NCC : Vitória: GEITES/UFES, 2008.
- SANTOS, R. e GARCIA, W. (Orgs.). *A escrita de adé: estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Xamã / SUNY / ABEH, 2002.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. São Paulo: Objetiva, 2018.

### **Culture and diversity: A look at ABEH**

**Abstract:** The present text, in essay format, addresses some facts that describe part of the history of the Brazilian Association of Homoculture Studies – ABEH. This calls for a strategic path of enunciative possibilities to touch the Lesbian, Gay, Bisexual, Transvestite, Transsexual, Intersex, Asexual, Pansexual and related communities – LGBTTIAP+, especially in Brazil. And, therefore, a question arises: how to use discursive strategies as resources for the production of subjectivity to ensure, in fact, human rights in the country today? The objective is to accentuate a reflective set on culture and diversity from the ABEH, by highlighting contemporary perspectives of alterity and difference. Based on contemporary studies, it is interesting to develop a critical essay, focusing on the categories experience and flexibility. In this case, academic and intellectual vestiges confront the hegemonic system, as it prevails as a production of knowledge of cultural/sexual, ethnic-racial and gender diversity in Brazilian universities.

**Keywords:** Abeh. Art. Culture. Diversity.

**Recebido: 20/10/2022**

**Aceito: 07/11/2022**